

# Entrevista com João Costa

Por Arabie B. Hermont\* e Ev'Angela B. R. de Barros\*\*

Doutor em Linguística, pela Universidade de Leiden, na Holanda, é Professor Catedrático de Linguística na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Licenciou-se em Linguística, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi, até novembro de 2015, Diretor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e presidente do Conselho Científico das Ciências Sociais e Humanidades da Fundação para a Ciência e Tecnologia. É membro do Conselho Científico do Plano Nacional de Leitura, da Comissão Nacional do Instituto Internacional da Língua Portuguesa e do Conselho Consultivo do Instituto Camões. Foi presidente da Associação Europeia de Estudantes de Linguística (SOLE) e da Associação Portuguesa de Linguística, e lecionou em várias universidades no Brasil, Macau, Espanha e Holanda. Desde novembro de 2015, integra o governo de Portugal, como Secretário de Estado para a Educação. Seus principais interesses de pesquisa residem na área de sintaxe e de aquisição do Português. Fruto de suas intensas pesquisas, já publicou diversos livros e artigos sobre temas específicos do português, tais como a ordem das palavras em Português, a sintaxe dos advérbios, a aquisição de argumentos nulos e clíticos em Português Europeu. Recentemente, organizou, juntamente com W. Leo Wetzels e Sergio Menuzzi, um livro **The Handbook of Portuguese Linguistics**, que vem recebendo crítica muito positiva.

---

\* Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da PUC Minas; Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas.

\*\* Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da PUC Minas; Coordenadora Adjunta do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas.

**Hermont e Barros:**

O atual programa da Teoria Gerativa – o Programa Minimalista – adota, como hipótese, que a faculdade da linguagem é regida por questões de economia e otimização. Nessa perspectiva, quais foram os principais avanços que o Programa Minimalista trouxe para os estudos da linguagem?

**Costa:**

O Programa Minimalista, mais do que um quadro teórico, constitui-se como um conjunto de orientações metodológicas. Não estamos perante um caso de rutura epistemológica ou de enormes diferenças conceptuais face à Teoria da Regência e Ligação. Há a introdução de princípios gerais de parcimónia, economia, que são comuns a qualquer modelo. Neste sentido, eu costumo interpretar o PM como um conjunto de “lembretes”.

**Hermont e Barros:**

A partir de suas investigações, quais caminhos o senhor considera mais promissores para a pesquisa psicolinguística e, mais especificamente, a de aquisição de linguagem, tanto em situação típica quanto em casos de déficit específico de linguagem?

**Costa:**

A investigação em psicolinguística sofreu grandes avanços na última década. Se me perguntam quais os caminhos que eu considero mais promissores, eu diria que são todos os que têm vindo a propor uma apropriação plena da teoria linguística nos modelos psicolinguísticos. No caso concreto da aquisição da linguagem, hoje sabemos muito mais sobre condições de legitimação, legibilidade e sobre o papel das interfaces na produção e na compreensão de enunciados linguísticos. É preciso agora que os modelos de aquisição integrem plenamente este conhecimento. Sempre que pensamos em modelos psicolinguísticos, temos de ter em conta que é preciso integrar os níveis algorítmico, de representação das estruturas, representacional e implementacional. Não vale a pena ter um modelo linguístico se ele não tiver comunicabilidade com os procedimentos, por natureza incrementais, de processamento e produção e com as estruturas fisiológicas e neurolinguísticas de suporte a esse sistema. Os caminhos são de comunicabilidade recíproca e é preciso haver trabalho interdisciplinar para garantir essa influência recíproca.

**Hermont e Barros:**

A despeito de outros trabalhos que

dividem o PE como língua orientada para a gramática e o PB como língua orientada para o discurso, seus estudos mostram que há muito mais “semelhanças” do que diferenças. Construções de concordância com o tópico, como em “Você tem construções lindas em Ouro Preto.” – ou de ergativização do sujeito – como em “A porta abriu” são encontráveis também no PE. Em seu estudo, o Senhor atribui essa similaridade a diferentes parâmetros formais e não a configuracionalidades discursivas. Poderia nos explicar como se tem considerado esse fenômeno de convergência entre o Português Europeu e o Português Brasileiro?

**Costa:**

A convergência não é surpreendente, já que estamos perante variedades da mesma língua. Os trabalhos de comparação entre PE e PB são muito interessantes, porque podemos, em vários casos, estar perante microvariação linguística, identificando níveis verdadeiramente atômicos de variação. No meu trabalho que referem, mostrei como alguns aspetos que são considerados variação macro são, na verdade, ilusões ou apenas variações menores que podem ser localizadas em propriedades da flexão.

**Hermont e Barros:**

Em 1999, Cinque realizou um amplo estudo, relacionando várias classes de advérbios com núcleos funcionais. O autor observou que distintos tipos de advérbios, em diversas línguas do mundo, estão dispostos em uma sequência rigidamente ordenada. Cinque também verificou que há a possibilidade de haver um núcleo funcional para cada advérbio. Tal constatação foi interpretada da seguinte forma: um AdvP ocupa a posição de um especificador de um determinado núcleo funcional que com aquele se relaciona. Tal interpretação é ainda baseada em uma relação semântica transparente entre cada classe de advérbio e o morfema núcleo contíguo à sua direita. Por exemplo, o advérbio *again* (ideia de repetição), em várias línguas, foi encontrado, em uma escala hierárquica, no mesmo lugar que o núcleo funcional “aspecto repetitivo” deveria ocupar. Em 2008, o senhor apresenta uma proposta alternativa que leva em conta a flexibilização da proposta de Cinque (1999). Nesta proposta, não é possível precisar a relação um-a-um entre o elemento modificado e a interpretação do advérbio, pois este pode ter diferentes sentidos em um mesmo domínio de modificação. Comente um pouco sobre isso.

**Costa:**

O trabalho de Cinque tem um valor

descritivo ímpar. Sabemos hoje muito mais sobre advérbios, sobre a sua hierarquia relativa e sobre a relação com núcleos funcionais de outras línguas do que sabíamos antes de 1997. No meu trabalho, discuti esta hipótese, no que diz respeito à presunção – quase não questionada – de que a adjunção não existe. No meu trabalho, mostrei que há relações não biunívocas e que a presença de vários advérbios na frase ou de apenas um gera resultados diferenciados. Sobretudo, tentei mostrar que a adjunção faz previsões mais robustas, na medida em que flexibiliza a estrutura admitindo maior variabilidade. A assunção de que os advérbios ocupam posições de especificador rígidas obriga a uma multiplicação de operações de movimento (do verbo ou de “remnants”) não completamente justificadas. Voltando à primeira questão, importa valorizar os princípios do Minimalismo: pretendeu-se eliminar a adjunção por ser uma operação alegadamente pouco justificada, mas isso foi feita à custa de uma proliferação de operações que tinham como única justificação garantir a ordem de superfície correta. Exatamente no espírito minimalista, preocupei-me em mostrar se era mesmo necessário e justificado dispensar a adjunção.

**Hermont e Barros:**

Os estudos linguísticos no Brasil e no mundo vêm se espalhando em diversos ramos. Considerando-se uma perspectiva formalista, que estudos ou estudiosos brasileiros lhe parecem estar contribuindo para consolidar os estudos da Gramática Gerativa na última década?

**Costa:**

A linguística brasileira tem dado contributos verdadeiramente notáveis para um melhor entendimento do funcionamento das línguas naturais. É sempre perigoso nomear pessoas, porque a memória e a rapidez da resposta podem trair-nos, mas posso referir aqueles nomes que (na última década, como pedem) têm tido um impacto direto no meu desempenho como linguista, sem qualquer ordem específica: Jairo Nunes, Sérgio Menuzzi, Mary Kato, Sônia Cyrino, Ruth Lopes, Maria Cristina Figueiredo Silva, Charlotte Galves, Cilene Rodrigues, Letícia Sicuro-Corrêa, Elaine Grolla... Como veem, são tantos e tão importantes os seus contributos que é difícil fechar a lista!

**Hermont e Barros:**

O Senhor poderia sugerir algumas leituras para quem deseja começar seus estudos em Sintaxe Minimalista?

Poderia, ainda, comentar um pouco a respeito do livro "The Handbook of Portuguese Linguistics", organizado em coautoria com W. Leo Wetzels e Sergio Menuzzi?

**Costa:**

Há vários livros de introdução muito bons. Eu gosto do livro do David Adger ou do Andrew Carnie. O **The Handbook of Portuguese Linguistics** nasce da opinião partilhada com o Sergio e o Leo de que fazia falta um livro que disponibilizasse ao público internacional o estado da arte da linguística portuguesa. Tentámos promover parcerias entre académicos portugueses e brasileiros, exatamente para colocar o foco na descrição de propriedades que aproximam ou fazem divergir as duas variedades. Esperamos que seja uma porta de entrada para muitos nos trabalhos sobre o português.